**Entre a Cooperação Simples e a Manufatura: Um estudo de caso na disciplina de Economia Política II**

**Luan da Anunciação Cassiano[[1]](#footnote-1)**

**Lucas Milanez de Lima Almeida[[2]](#footnote-2)**

**Resumo**

Este texto tem como objetivo mostrar os resultados obtidos na produção de caças-aéreo, feitos em sala de aula, e de como uma simples alteração na organização dos trabalhadores dentro do processo produtivo tem impactos impressionantes sobre a produção. Na simulação de produção de caças-aéreo utilizou-se primeiro o modelo de cooperação simples, onde cada trabalhador (aluno) fez todo o trabalho, ou seja, fez toda a produção. Em seguida utilizou-se o modelo de manufatura, em que, cada trabalhador (aluno) fez em seguida trabalho parcial, ou seja, fez partes de um todo na produção.

**Palavras-chave:** cooperação; manufatura; produção.

**Introdução**

Define-se organização do trabalho como sendo um conjunto de normas e regras que determinam a forma de realização do processo produtivo em uma fábrica. A organização dos trabalhadores em grupos de trabalho coletivo existem desde tempos remotos e são conhecidas como cooperação. De acordo com Marx (s.d.) apud Ribeiro (2005, p. 33) “Chama-se cooperação a forma de trabalho em que muitos trabalham juntos, de acordo com um plano, no mesmo processo de produção ou em processos de produção diferentes, mas conexos.” (374)

No modelo de cooperação cada trabalhador executa todo o trabalho necessário para se produzir certa mercadoria. Segundo Marx (s.d.) apud Ribeiro (2005, p. 33) “Quando os trabalhadores se completam mutuamente fazendo a mesma tarefa ou tarefa da mesma espécie, temos a cooperação simples.” (376)

A vantagem de o trabalho ser executado coletivamente é que a produtividade da coletividade é superior aquela calculada com base na simples soma da produtividade individual dos trabalhadores.

A soma das forças mecânicas dos trabalhadores isolados difere da força social que se desenvolve quando muitas mãos agem simultaneamente na mesma operação indivisa, por exemplo, quando é mister levantar uma carga, fazer girar uma manivela ou remover um obstáculo. O efeito do trabalho combinado não poderia ser produzido pelo trabalho individual, e só o seria num espaço de tempo muito mais longo ou numa escala muito reduzida. Não se trata aqui da elevação da força produtiva individual através da cooperação, mas da criação de uma força nova, a saber, a força coletiva (MARX, s.d., pp. 374/375, apud RIBEIRO, 2005, p. 34).

A partir daí, surge então o Trabalhador Coletivo, entidade que é capaz de executar um trabalho superior ao que seria executado pelo simples somatório dos trabalhos individuais.

Porém, toda ação coletiva necessita de uma liderança, e trazendo para os dias de hoje, mais precisamente no capitalismo, esta função é imposta ao capitalista, e só vai distanciar-se dele na medida em que a fábrica vai se expandindo.

A manufatura pode ser entendida como sendo uma evolução da cooperação, pois os trabalhadores (detentores da força de trabalho) ainda são subordinados de um capitalista (detentores dos meios de produção), porém, agora tem-se uma alteração na organização da produção.

No modelo de manufatura existe uma divisão do trabalho dentro da fábrica, ou seja, agora não mais os trabalhadores irão fazer toda a produção, e sim, apenas parte da produção (trabalhos parciais), logo, sai de cena o trabalhador coletivo e entra o trabalhador parcial. Ainda segundo Marx (s.d.) apud Ribeiro (2005, p. 37) “O mecanismo especifico do período manufatureiro é o trabalhador coletivo, constituído de muitos trabalhadores parciais” (p.400)

A consequência desse modelo é a desqualificação do trabalhador, e sua especialização em uma(s) tarefa(s). Essa desqualificação causa uma redução no valor da força de trabalho.

Em todo oficio de que se apossa, a manufatura cria uma classe de trabalhadores sem qualquer destreza especial, os quais o artesanato punha totalmente de lado. Depois de desenvolver até atingir a virtuosidade, uma única especialidade limitada, sacrificando a capacidade total de trabalho do ser humano, põe-se a manufatura a transformar numa especialidade a ausência de qualquer formação (MARX, s.d., p. 401, apud RIBEIRO, 2005, p. 38).

Ou seja, quando o trabalhador deixa de produzir a peça por completa e passa a produzi-la parcialmente diminui a quantidade de trabalho, diminuindo-se assim também o valor que é pago ao trabalhador.

**Análise dos dados obtidos**

Grupos com uma média de 7 alunos (trabalhadores), participaram de uma simulação de produção e organização do trabalho, em que, tinham que produzir caças-aéreos de papel no modelo de cooperação simples e no modelo de manufatura.

O resultado final do total de peças produzidas (boas e ruins) foi o seguinte:

|  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
|  | Total de peças | | Total de peças boas | | Total de peças ruins | |
|  | C.S | Manufatura | C.S | Manufatura | C.S | Manufatura |
| Grupo 1 | 78 | 61 | 47 | 49 | 31 | 12 |
| Grupo 2 | 66 | 46 | 40 | 39 | 26 | 7 |
| Grupo 3 | 67 | 52 | 51 | 46 | 16 | 6 |
| Grupo 4 | 83 | 59 | 63 | 45 | 20 | 13 |
| Grupo 5 | 68 | 46 | 49 | 38 | 19 | 8 |
| Grupo 6 | 88 | 88 | 76 | 60 | 12 | 28 |
| Média | 75 | 58,6 | 54,33 | 46,17 | 20,67 | 12,34 |

Fonte: Tabela produzida pelo autor a partir dos resultados obtidos em sala de aula.

Analisando os dados da tabela, percebe-se que na média os resultados obtidos no modelo de manufatura ficaram abaixo do esperado. Na cooperação simples, o total de peças foi de 75 unidades, enquanto que na manufatura o total produzido foi de apenas 58,6 unidades, na mesma fração de tempo.

Mas, apesar do total da produção na manufatura ter sido inferior ao total da produção na cooperação simples, a porcentagem de peças boas sobre o total foi maior.

Podemos ver isso utilizando a regra de três:

|  |  |
| --- | --- |
| Cooperação simples | Manufatura |
| 75 – 100% | 58,6 – 100% |
| 54,33– X | 46,17 – X |
| 75X=5433 | 58,6X=4617 |
| X=72,44% | X=78,79% |

Fonte: Tabela produzida pelo autor.

Com relação ao total de peças ruins, houve uma queda significativa de 8,33 (20,67 – 12,34)[[3]](#footnote-3) quando saiu-se da cooperação simples e foi-se para a manufatura. Essa queda no total de peças ruins se dá pelo fato de que, quando o trabalhador deixa de produzir a peça por completa e passa a produzi-la parcialmente, o movimento repetido dessa mesma operação faz com que ele aprimore essa operação ao extremo, tornando-se assim especialista na mesma. Segundo Marx (s.d.) apud Ribeiro (2005, p. 37):

A estreiteza e as deficiências do trabalhador parcial tornam-se perfeições quando ele é parte integrante do trabalhador coletivo. O hábito de exercer uma função única limitada transforma-o naturalmente em órgão infalível dessa função, compelindo-o à conexão com o mecanismo global a operar com a regularidade de uma peça de maquina. (p. 400)

Ou seja, o que era antes era visto como deficiência, agora é visto como eficiência.

**Considerações finais**

A manufatura pode ser vista então como uma forma peculiar da cooperação e as vantagens provenientes dela dependem geralmente da natureza da cooperação, ou seja, quanto mais desenvolvida for a cooperação, maiores serão as vantagens advindas da manufatura.

No caso do nosso exemplo (produção de caças-aéreo em sala de aula ), podemos dizer que existia uma cooperação pouco desenvolvida, visto que os resultados ficaram abaixo do esperado.

**Referências:**

MARX, K. **O Capital**, livro I, volumes 1 e 2. Tradução da 4ª edição alemã feita por Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. s.d.

RIBEIRO, N. R. (Org.) **Dinheiro, Mais-valia e Acumulação Capitalista** – Texto Didático nº 18. João Pessoa: UFPB, 2005.

1. Estudante do Curso de Graduação em Economia da UFPB; E-mail: luancassiano13@yahoo.com.br [↑](#footnote-ref-1)
2. Coordenador do Projeto de Monitoria do Departamento de Economia [↑](#footnote-ref-2)
3. [↑](#footnote-ref-3)